

# Nove mil barracos na mira do desmonte

*Invasões do Recanto das Emas, Samambaia e Riacho Fundo, que têm 9 mil famílias, são as próximas do cronograma de demolições*

Cristina Ávila  
Rovênia Amorim  
Da equipe do **Correio**

As invasões do Recanto das Emas, Samambaia e Riacho Fundo serão os alvos do próximo ataque do Governo do Distrito Federal (GDF). A Secretaria de Habitação espera apenas a conclusão do levantamento sócioeconômico das pessoas que invadiram áreas públicas nas três cidades, para ordenar a operação de desmonte. A estimativa é de que haja aproximadamente 9 mil famílias morando em barracos de madeirite naquelas invasões.

“Nessas cidades estão concentra- das as invasões mais problemáticas,

que continuam crescendo”, assinala o major Esmeraldo Oliveira, gerente do Serviço de Vigilância do Solo (Siv-Solo). O foco mais complicado é a quadra 605 do Recanto das Emas. Neste final de semana, a invasão cresceu muito, com a chegada de novos invasores. E a construção de barracos prosseguiu ontem.

“Só na madrugada de sábado, vi uma multidão invadindo. Foram cerca de 70 pessoas”, denuncia Gilberto Moitinho, um dos líderes da invasão que quer frear a migração de famílias para o Recanto. “Vem gente para cá de todo o Distrito Federal. Chegam até de ônibus fretado. Mas eu é que não vou colocar meu povo para impedir e arriscar levar um tiro. Já pedi umas seis ve-

zes para o governo botar uma fiscalização atuante aqui”, reclama.

O administrador do Recanto das Emas, Rubens Tavares, admite que o número de barracos vem aumentando. Mas afirma que nenhum ficará no local. “Ainda estamos fazendo o levantamento sócioeconômico das famílias. Devemos terminar amanhã (hoje). Depois começaremos a remoção. E vamos começar pelos mais novos”, avisa.

Na quadra 605 existem aproximadamente 2 mil barracos, entre antigos e recentes, segundo relatório preliminar da administração regional. E os invasores não param de chegar. Cecília Brasileira Rocha, 25 anos, saiu ontem de manhã da QNH 2 de Taguatinga, onde mora de aluguel, para dar uma olhada na invasão.

“Por enquanto, só estou observando. Mas, se for preciso invadir, eu vou invadir”, anuncia. “Eu tenho inscrição no Idhab (Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Fe-

deral) desde 85 e nunca recebi meu lote. Agora o governador Roriz vai dar prioridade para invasor?”, reclama.

## NOME NA LISTA

O caseiro Belmiro Bispo Santiago, de 32 anos, dava ontem as últimas marteladas no seu barraco. Começou a erguê-lo no sábado. “O pessoal do Idhab já veio aqui e pegou o meu nome”, conta o baiano de Taboca do Brejo Velho, referindo-se ao levantamento sócioeconômico dos fiscais.

Para ele, ter o nome na lista significa a garantia de receber um lote. “Deus abençoe o Joaquim Roriz”, diz o caseiro de uma chácara no Park Way e que afirma morar há 12 anos no DF.

“Não estamos fazendo cadastramento. Apenas um levantamento. Is-

so não significa que todos receberão lotes ou que vamos dar lote para invasor. A prioridade será para quem estiver inscrito no Idhab”, explica a secretária de Habitação, Ivelise Longhi.

Darivaldo Barbosa da Silva, 23 anos, piauiense de Cristalândia, é mais consciente que o caseiro Belmiro. Ele soube da remoção das 400 famílias de invasores no Areal, em Taguatinga Sul, no sábado. E ouviu os últimos discursos do governador Joaquim Roriz, nos quais reitera a determinação de não permitir invasão. Ainda assim, Darivaldo promete resistir.

“Gastei R\$ 10,00 para ir votar no Roriz. Não achava a seção de jeito nenhum e tive de pegar um monte de ônibus. Não é possível que agora não

vai me deixar sossegado no meu barraco”, reclama o ajudante de pedreiro. “Roriz não pode esquecer que invasor também o elegeu. Se derrubar meu barraco, faço de novo.”

Na expansão do Areal, em Taguatinga Sul, as 19 famílias de invasores que restaram no bairro estão preocupadas. Elas temem que seus barracos de madeirite sejam derrubados pelo governo a qualquer momento. A chegada de uma kombi com funcionários do Centro de Desenvolvimento Social (CDS) de Taguatinga foi motivo de pânico, ontem de manhã.

“Estamos só fazendo o levantamento sócioeconômico das 19 famílias. Elas poderão ficar nessa área até quarta-feira, quando a Secretaria de Habitação vai decidir o que vai fazer”, diz a diretora do CDS de Taguatinga, Rosa José Ribeiro Fernandes. As 19 famílias estavam morando havia três meses no Areal e, por isso, seus barracos não foram derrubados, no sábado, pelos fiscais do Siv-Solo.

